



A História das mulheres: presença na Educação de Jovens e Adultos.

Rosemary da Luz (PPGE/UFMT)-rosy.eja@gmail.com

Nilce Vieira Campos Ferreira (PPGE/UFMT) – nilcevieiraufmt@gmail.com

GT 13 – HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Resumo:

Esse artigo investiga a história das mulheres. Na perspectiva de seu retorno as salas de aulas por meio da modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Analisaremos os estudos historiográficos que abordam a história das mulheres. Reconhecendo que as mulheres estão presentes nos mais diversos espaços. As mulheres muito contribuíram no decorrer da história e trazem as marcas da segregação por elas vivenciadas. Mesmo com a participação ativa das mulheres na era contemporânea em muitos movimentos de lutas pela igualdade de gêneros este direito não está sendo garantido na sociedade atual. A Educação de Jovens e Adultos uma modalidade que têm a presença fortemente marcante da mulher possibilitando maior autonomia e emancipação social. E como a educação de jovens e adultos vem contribuindo com a formação das mulheres? Contar a história de mulheres é contribuir para que muitos rostos invisíveis comecem a resurgir saindo da obscuridade. Para amparar as discussões são significativas as contribuições teóricas de Bloch (2002), Perrot (2007), Almeida (1988), Ferreira(2005), Paiva (2005), Viganó e Laffin(2016).

Palavras-chave: História das mulheres; retorno as salas de aula; a educação de jovens e adultos.

1 Introdução

Este trabalho se propõe a investigar a história das mulheres na Educação de Jovens e Adultos mediante estudos historiográficos que retratam o papel feminino ao longo da história. Conforme Marc Bloch (2002, p.25) “o presente bem referenciado e definido dá início ao processo fundamental do ofício de historiador “compreender o presente pelo passado” e, correlativamente, “compreender o passado pelo presente””.

. Neste sentido desvelar o que ocorreu no passado e compreender a presença delas, as mulheres o que viveram e como vivem hoje nos permite um redescobrir percursos e percorrer caminhos que foram perpassados por essas mulheres em suas trajetórias formativas na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Para Lucien Febvre (1949) a história pode assumir diversas formas.

"A história recolhe sistematicamente, classificando e agrupando os fatos passados, em função das suas necessidades atuais. É em função da vida que ela interroga a morte. Organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história". (FEBVRE, 1949, p. 43)

Reconhecer que as mulheres estão presentes hoje nos mais diversos espaços. Ocupando as diferentes posições, ainda não nos coloca em posição de igualdade de direitos, "em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte das ordens das coisas". (PERROT, 2007, p.17).

Diante deste contexto nossa formação acadêmica e investigativa parte das vivências sociais e políticas como participantes dos movimentos dos Fóruns da Educação de Jovens e Adultos regional e estadual, o Fórum Permanente de Debates da Educação de Jovens e Adultos Mato Grosso (FPDEJA/MT. Para nos apoiarmos enquanto pesquisadoras de temas relacionados a história das mulheres analisar bibliografias e documentos que abordam o percurso formativo das mulheres presentes nas salas de aulas da Educação de Jovens e Adultos.

A Lei 5692/71 em seu capítulo IV e artigo 24 do ensino supletivo têm como finalidade; suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria; proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte, garantindo o acesso das mulheres na sala de aula.

Com a expansão da obrigatoriedade da educação básica á toda população escolarizável o que rege a Constituição Federal de 1988 em seu art. 208 os jovens e adultos foram convidados a estarem retornando as salas de aula e dando continuidade aos seus estudos para preencherem uma lacuna social e excludente deixada pela falta de acesso e permanência desses sujeitos.

Desta maneira muitas mulheres retornaram as salas de aula cursar a modalidade da EJA, para recuperar o tempo perdido em busca de um novo recomeçar, elas viam a oportunidade de garantir melhor qualidade de vida para si e para seus familiares. Segundo Jane Soares de Almeida (1988, p.27):

No mundo ocidental mais desenvolvido, a constatação da capacidade feminina para o trabalho fora do âmbito doméstico e o conseqüente ganho de autonomia que isso poderia proporcionar, mais as necessidades de sobrevivência ditadas pelas circunstâncias, iniciaram uma reviravolta nas expectativas sociais, familiares e pessoais acerca do sexo que até então estivera confinado no resguardo do espaço

doméstico e no cumprimento da função reprodutiva (ALMEIDA, 1988, p.27).

No retorno a sala de aula constatamos que a escolarização para os sujeitos da EJA e o acesso a uma educação de qualidade passa a ser uma condição de empoderamento pessoal, social, econômico e político para que exerçam e ampliem seus direitos. (CAPUCHO,2012).

Historicamente, a educação de jovens e adultos vem assumindo concepções e práticas bastante diferenciadas. Da visão ainda muito corrente que ela se faz para recuperar o tempo perdido daqueles que não aprenderam a ler e escrever: passando pelo resgate da dívida social: até chegar a concepção de direito para todos, da presente década, e do aprender por toda a vida, as enunciações variaram, deixando no entanto, no imaginário social, a sua marca mais forte, ligada à volta à escola, para fazer, no tempo presente, o que não foi feito no tempo da infância (PAIVA, 2005, p.27.).

As mulheres retornam as salas de aula na modalidade da Educação e Jovens e Adultos para viver o hoje e o agora.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino criada com o objetivo de oferecer uma possibilidade de elevação de escolaridade para sujeitos jovens e adultos que, por qualquer motivo, não concluíram o ensino fundamental e/ou o médio no momento em que eram crianças ou adolescentes. (VIGANO; LAFINN;2016; p.03).

A continuidade aos estudos e a possibilidade de concluírem o ensino na EJA as motiva no retorno aos bancos escolares que em alguma etapa da vida fora colocada em segundo plano pelas circunstâncias da vida.

Para Guacira Lopes Louro (1997)

Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos— tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. (LOURO, 1997; p.57).

Na perspectiva da autora a escola contribuiu para separação, e segregação entre ricos e pobres. “Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas”. (LOURO, 1997; p.57).

Para elas os afazeres com o lar, casa, marido e filhos, era mais importante. Segregando o direito das mulheres o segundo e terceiro plano.

2 A mulher ao longo da história

As mulheres ao longo da história passaram por muitas segregação suas vozes foram silenciadas e na maioria das vezes anônimas aos desmandos da sociedade machista e excludente.

Segundo Jane Soares de Almeida (1988):

No caso feminino, alocar às mulheres a responsabilidade educativa das crianças sempre foi uma proposta defendida vigorosamente nos meios políticos e intelectuais brasileiros, por meio de uma mentalidade forjada nos moldes da herança cultural portuguesa. (ALMEIDA, 1998, p.31)

A mulher cabia o papel de responsabilizar-se pela educação dos filhos e seus cuidados de boas maneiras ao sentar-se à mesa ao se comportar perante os adultos, ou seja, a família em primeiro lugar essa era sua obrigação como mulher.

Conforme Nilce Vieira Campos Ferreira (2015) o trabalho da mulher era concebido apenas como cuidado e atenção as tarefas do lar, sendo confiado às mães o ensino das crianças e o controle das despesas econômicas da casa. Dessa forma, os conhecimentos necessários eram transmitidos de geração em geração.

Assim, Almeida (1998) esclarece que:

A cultura lusitana foi determinante para esculpir na sociedade brasileira os contornos extremamente definidos dos papéis sexuais. Para os portugueses, a responsabilidade feminina nunca deveria transpor as fronteiras do lar, nem ser objeto de trabalho remunerado, o que era defendido em todas as instâncias sociais. (ALMEIDA, 1998, p.31-32).

Desse modo, os afazeres de casa ficavam na responsabilidade da mulher desde a infância Michelle Perrot (2007, p.43) nos esclarece que as meninas “são requisitadas para todo tipo de tarefas domésticas. Futura mãe, a menina substitui a mãe ausente. Ela é mais educada do que instruída”.

A mulher cabia o papel de responsabilizar-se pela educação dos filhos e seus cuidados de boas maneiras ao sentar-se à mesa ao se comportar perante os adultos, ou seja, a família em primeiro lugar essa era sua obrigação como mulher

Neste cenário a identidade feminina têm sido marcada ao longo dos séculos de maneira que “o doar-se com nobreza e resignação, *qualidades inerentes às mulheres*, era premissa com a qual também afinavam-se profissões como enfermeira ou parteira”.

(ALMEIDA, 1998, p.32). As mulheres se fizeram presentes mesmo sendo delegadas elas, o papel de submissão no contexto da sociedade brasileira.

A mulher na história do Brasil tem surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos, dando-nos enfadada ilusão de imobilidade. Auto sacrificada, submissa sexual e materialmente e reclusa com rigor, à imagem de mulher de elite opõem-se a promiscuidade e a lascívia da mulher de classe subalterna, pivô das miscigenações e das relações inter-étnicas que justificaram por tanto tempo a falsa cordialidade entre colonizadores e colonizados. (PRIORE, 1994, p.11).

Muitas são essas as mulheres de todas as raças de vários rostos de diversos corpos presentes no cotidiano das famílias que precisavam ser bem-criadas e instruídas. “Portanto, tornava-se necessário que fossem educadas, porém somente se o lar, o marido e os filhos fossem com isso beneficiados”. (ALMEIDA, 1998, p.33).

Para isso, com o crescimento das cidades o atual cenário passa por modificações e a mulher recorre a:

A necessidade de instruir-se e educar-se constituía um dos principais anseios para sua liberação e uma forma de alterar um destino imposto pela sociedade moralizadora que se erigia nos padrões de uma época resultante de um acelerado processo de urbanização. (ALMEIDA, 1988, p.33).

Corroboramos com Perrot (2007, p.109) que “As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado”. O trabalho do lar e o cuidado com os filhos e “praticamente, nesse trabalho, as tarefas não são compartilhadas entre homens e mulheres. Ele é invisível, fluido, elástico.” (PERROT,2007, p.115).

No entanto, não cabia a mulher qualquer profissão mesmo com o ritmo acelerado das grandes cidades a “foi a industrialização que colocou a questão do trabalho das mulheres.” (PERROT, 2007, p.119). Elas saíram para as fábricas ocupando lugares pouco imaginável para uma mulher.

Conforme Perrot (2007, p.119) “o têxtil foi o grande setor de emprego das mulheres, nas fábricas e nos ateliês”. Dessa maneira de recatada e do lar passam a ser vistas e “as operárias tornam-se banais. Seguem carreiras mais longas, interrompidas apenas pelas licenças-maternidade que a legislação começa a proteger”. (PERROT, 2007, p.121).

Assim “As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos”. (PERROT, 2006, p.212).

Para Michelle Perrot (2007) escrever a história das mulheres é sair do silêncio e do anonimato rompendo as barreiras da obscuridade impostas a identidade feminina estudar o ontem para compreender o hoje.

Portanto resgatar a história das mulheres nos proporciona reativar a memória uma vez esquecida e lançar um novo olhar nessa nova história que vai se constituindo neste universo da vida nos remetendo a sermos vistas nós existimos e estamos vivas e queremos viver intensamente cada momento cada percurso trilhado independentemente de onde estamos como vivemos e com quem vivemos.

3 Percursos na Educação de Jovens e Adultos

A complexidade do mundo contemporâneo exige um aprender continuamente, por toda a vida, de acordo com os avanços do conhecimento, e a permanente criação de códigos, linguagens, culturas (PAIVA, 2005), enfim no mundo especialmente globalizado e na agilidade e difusão de informações, em nosso todo o território.

O aprender se faz pela via de um conhecimento de mãos duplas onde o educador educa e também aprende com o educando, valorizando os saberes já construídos mediante os que estão sendo processados até o momento:

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p.23)

No âmbito da Educação de Jovens e Adultos estamos em um constante aprender os conhecimentos dos sujeitos da EJA são carregados de expressividade e saberes historicamente construídos.

Na EJA, a inclusão social e o enfrentamento às marcas da exclusão são discussões presentes na luta pelo acesso ao conhecimento historicamente produzido, porém nessa luta soma-se a necessidade de transpor barreiras que compreendem a diferença entre homens e mulheres. como fator menor e passem a compreendê-la em seu potencial promotor de igualdade e justiça social. (CAPUCHO, 2012, p.71),

Devemos pensar o conhecimento para EJA numa perspectiva inclusiva mediante aos novos desafios propostos para modalidade no século XXI. Historicamente, a educação de jovens e adultos vem assumindo concepções e práticas bastante diferenciadas.

Da visão ainda muito corrente que ela se faz para recuperar o tempo perdido daqueles que não aprenderam a ler e escrever: passando pelo resgate da dívida social: até chegar a concepção de direito para todos, da presente década, e do aprender por toda a vida, as enunciações variaram, deixando no entanto, no imaginário social, a sua marca mais forte, ligada à volta à escola, para fazer, no tempo presente, o que não foi feito no tempo da infância (PAIVA, 2005, p.27.).

Essa marca deixada pela história de exclusão social que foi imposta ao jovem e o adulto negando o direito ao acesso à educação pública de qualidade trazem consequências estereotipadas marcadas pela desigualdade social em nossa sociedade atual.

Nas salas de aulas da Educação de Jovens e Adultos a presença marcante das mulheres retornam aos seus estudos para recuperar o tempo perdido.” Entretanto as alunas que frequentam a EJA trazem várias características singulares, culturas diversas e marcas de violências sofridas no decorrer de suas vidas”. (VIGANO, LAFFIN,2016, p.03).

Nos dias atuais a EJA tem sido para muitas mulheres uma possibilidade de conquista de autonomia e emancipação, e do mesmo modo. As exigências sociais contribuem para o crescimento da população feminina na escolarização de jovens e adultos (POGGIO, 2012). As mulheres retornam para sala de aula e veem na EJA possibilita uma nova oportunidade para atuar e viver em sociedade.

Neste contexto a atualidade exige um ser social preparado para enfrentar as mudanças que ocorrem nos diferentes espaços e tempos decorrentes do ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e a facilidade de acesso do mundo moderno.

Para Perrot (2007, p.95) “os Estados almejam mulheres instruídas para a educação básica das crianças. O mercado de trabalho precisa de mulheres qualificadas, principalmente no setor terciário de serviços: correios, datilógrafas, secretárias”.

Nesse percurso a formação das mulheres na Educação de Jovens e Adultos merece destaque para podermos desvelar a sua própria história o papel da escola é pensar formas de atendimento ao educando, sujeito de direito, que necessita ser respeitado, em função das condições de estudo e da sua vida ,(BOGNAR 2016),

Nessa perspectiva de serem autônomas as mulheres reconhecem a EJA e a sala de aula como uma conquista de direitos para disputar espaços de igualdade entre ambos os sexos e classes sociais.

Mesmo em meio a tantos afazeres, as mulheres buscam se fortalecer e encontram, nos espaços da EJA, um local de compartilhamento de experiências e de socialização, o que as leva a estarem cada vez mais presentes nas turmas de escolarização de jovens e adultos. (VIGANO; LAFFIN, 2016, p.14).

Na sala de aula as mulheres se constituem como cidadãs cumpridoras de seus deveres e reivindicam seus direitos independentemente do tempo. O espaço da EJA e as suas vivências pessoais se configuram no cenário ideal para viver o real.

De acordo com Perrot (2007) muito temos que avançar,” Mas o caminho ainda é longo para que se chegue à igualdade profissional e social”. (PERROT,2007, p.96).

Considerações Finais

De acordo com o estudo ficou evidenciado que as mulheres têm sua história durante anos subordinada e segregada pela imagem de inferioridade em relação a figura masculina. Elas, as mulheres muitas das vezes foram invisíveis nas mais diversas áreas da sociedade.

Marcadas por um processo de exclusão as mulheres na escolarização que em seus primórdios eram marcadas por uma sociedade patriarcal inicialmente exclusiva para meninos.

Somos sabedores que a História se fez e se faz com a participação feminina nos mais diversos espaços. Mesmo sendo delegados a elas, os cuidados com o lar.

As mulheres estão cumprindo com seus deveres e conquistando seus direitos. A sua presença é marcante na educação de jovens e adultos reafirmam sua identidade e se constituem como sujeitos da sua própria história.

Corroboramos com Vigano e Laffin (2016, p17) que:

Nesse sentido, empoderar mulheres significa promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais e esse processo ocorre quando são realizadas desconstruções provenientes da reflexão crítica na aprendizagem educacional. (VIGANO; LAFFIN, 2016; p.17).

Torna-se necessário evidenciar e dar visibilidade ao papel da Educação de Jovens e Adultos no decorrer do processo histórico na formação das mulheres que retornam as

escolas. Sendo este um espaço de socialização e interação que visa contribuir com a emancipação feminina no aspecto social e educacional.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998. - (Prismas).

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Prefácio Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira Lilia Moritz Schwarcz. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOGNAR, Ivana. **O Percurso Formativo de Educadores de Jovens e Adultos em Colíder/MT (1982 a 2009)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. UFMT, 2017.

CAPUCHO, Vera. **Educação de jovens e adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **A Mulher na História do Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Contexto. 1994.

FEBVRE, Lucien. Vers une autre histoire, em "Revue de métaphysiques et de morale", LVIII; atualmente também *ibid.*, 1949; p. 419-38.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos. **Gênero e Educação: A Formação em economia doméstica Economia Doméstica** 37º Reunião Nacional da ANPED-04 a 08 de outubro de 2015, UFSC-Florianópolis-SC.05-10-16.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LOURO. Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis; Rio de Janeiro; Vozes:1997.

PAIVA, Jane. **A educação de jovens e adultos: direitos, concepções e sentidos**. Tese (doutorado); Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação; 2005.

PAIVA, Jane. **Os sentidos do direito à educação de jovens e adultos**. Petrópolis, RJ: Faperj, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. (Tradução: Angela M. S. Côrrea) São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT. Michelle. **Os excluídos da história operários, mulheres e prisioneiros.** Tradução Denise Bottmann. 4ª edição. Editora Paz e Terra S.A; V.12; 2006.

POGGIO, Inês Soares Nunes. **A construção das relações de gênero.** In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org). Educação de jovens e adultos, diversidade e o Mundo do trabalho. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. p. 88-101..

VIGANO. Samira de Moraes Maia. LAFFIN; Maria Hermínia Lages Fernandes. A Educação de jovens e Adultos como um espaço de empoderamento das mulheres. **Rev. Eja em debate.** Edição: Ano 5; n7;2016. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2105>; Acesso em: 07 de out de 2021.